

9 JAN 1988

Dívida: o governo admite voltar ao FMI.

Externa

JORNAL DA TARDE

O Brasil pode abrir com o Fundo Monetário Internacional (FMI) uma negociação paralela à dos bancos privados estrangeiros, embora tal hipótese não esteja prevista no momento, admitiu ontem o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto. E assessores do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, disseram que o fechamento de um acordo com os bancos privados não é mais pré-requisito para que o Brasil vá ao FMI. Segundo eles, a intenção do governo é desvincular o acordo com os bancos do que será feito com o FMI. Mas os dois acordos poderão ser fechados simultaneamente. Disseram ainda que as negociações da dívida externa prosseguirão na forma como estava prevista pela equipe do ex-ministro da Fazenda, Bresser Pereira, argumentando que o acordo com o Fundo já fazia parte do programa de negociação anteriormente delineado.

O ex-ministro Bresser Pereira, que esteve ontem em Brasília, acha que ainda é muito cedo para se começar a criticar o ministro Mailson da Nóbrega pela decisão de renegociar a dívida externa sigilosamente, sem a participação do Congresso Nacio-

nal. Ao deixar a casa do deputado Ulysses Guimarães, com quem se reuniu por duas horas, Bresser Pereira disse não acreditar que o governo esteja pretendendo usar esse sigilo para fechar um acordo a toque de caixa com o FMI. "Eu, como ministro, sempre busquei a transparência, mas concordo que a discrição é aconselhável em alguns momentos", afirmou Bresser Pereira.

O ministro Mailson da Nóbrega comparecerá na próxima quarta-feira à Comissão Especial da Dívida Externa do Senado para fazer um relato reservado sobre a nova estratégia de renegociação do governo brasileiro. A exposição foi acertada ontem, durante audiência concedida ao presidente da comissão, senador Carlos Chiarelli (PFL-RS). À saída do encontro, o senador revelou que o ministro garantiu que "para o Congresso não haverá reservas e segredos sobre a renegociação da dívida".

Apenas credores privados

O ministro Ronaldo Costa Couto garantiu que no próximo dia 11 o governo brasileiro estará iniciando negociações apenas com os bancos credores privados, mas não pode ser descartada nenhuma hipótese, como a de conversar com o FMI. Costa Couto afirmou que o Brasil não considera o Fundo um mal em si, "porque o FMI, na verdade, não é um mal, e o Brasil é sócio-fundador da entidade, com todos os direitos de um sócio. O governo não tem nada contra o Fundo, mas sim contra a política normalmente defendida pelo FMI, de se adotar programas de ajustamento econômico para os países devedores que impliquem recessão".

Costa Couto assegurou que o governo brasileiro vai negociar a dívida externa do

País com muito "realismo e pragmatismo", e sem abrir mão de seus princípios. "Com retórica nós não vamos equacionar o problema da dívida externa. A priori, contudo, não descartamos nenhuma hipótese, ainda mais levando-se em conta que um acordo com o Fundo é importante para que se chegue a um acordo com o Clube de Paris e para que o Brasil possa usufruir dos créditos oferecidos pelos japoneses" (no valor global de US\$ 29,5 bilhões). O ministro garantiu que as negociações com os credores privados serão autônomas com relação ao FMI. "Mas o que vai acontecer daqui para a frente depende do que ocorrerá à mesa de negociações a partir da próxima semana."

De mãos vazias

O subcomitê de economia dos bancos credores deixou o Brasil ontem, depois de permanecer por três dias no Banco Central praticamente sem ter com quem conversar (somente ontem ficou definida a nova diretoria do banco) e sem ter conseguido "nenhum dado novo", segundo o chefe da missão, Arturo Porzekanski.

Aparentemente irritado, Porzekanski confessou que esta vinda ao Brasil foi frustrante e que todo o trabalho que poderia ter sido feito nestes dias somente será realizado em Nova York, paralelamente ao reinício das negociações, desta vez como principal interlocutor brasileiro o presidente do Banco Central, Fernando Milliet.

Isto poderá atrasar os entendimentos, segundo Porzekanski, que no dia anterior havia manifestado sua preocupação com a troca da equipe de negociação, com a saída de Fernão Bracher, por temer que o novo grupo brasileiro tenha muito pouco tempo para se preparar.